

A IGREJA E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES¹

The Church and Domestic Violence Against Women

Daniéli Busanello Krob

Resumo

A religião está popularmente associada com a paz, com o amor, com a proteção daqueles e daquelas menos favorecidas. Os tabus religiosos podem colaborar para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento. A falta de preparo teológico para lidar com situações de violência doméstica também pode contribuir e alimentar os mitos religiosos que compactuam com esta realidade. As Igrejas compactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura do silêncio e da omissão, recusando-se a denunciar os atos de violência e seus autores, além das estruturas institucionais e sociais injustas que perpetuam essa prática.

Palavras-chave: Mulheres. Igrejas. Violência Doméstica.

Abstract

Religion is popularly linked with peace, love, and protection for the underprivileged people. Religious taboos can influence to keep women, who suffers violence, on her relationship. Deal with scenarios of domestic violence without theological prepare also can contributte and feed religious myths that condone this reality. Churhes collaborate to reproduction and maintence of myths and violence against women at the moment that became accomplices of silent and omission culture, refusing to denouce acts of violence and perpetrators, beyond institutional and social unfare frameworks that perpetuate this practice.

Keywords: Women. Churches. Domestic Violence.

Considerações Iniciais

O agressor repousa... pensa-se vitorioso, deixando a vítima no chão e possivelmente no seu ventre a semente da continuação da humanidade. Humanidade estuprada que guardará as sequelas de violência ao longo de sua

¹ Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado da autora, intitulada *Desconstruindo Amélias: Musicoterapia com Mulheres em Situação de Violência Doméstica sob a Ótica da Teologia Feminista*, sob a orientação da Profa. Dra. Gisela I. W. Streck.

história e ao longo de gerações sucessivas. Semente violenta em corpo violentado... Raiva da humanidade depositada em corpo de mulher. Depois, raiva do ventre prenhe de violência. Raiva da criança que não morreu, resignação com o filho ou a filha que venceu a morte, mas que já nasce marcada por um ódio encoberto de cuidado, de tentativas de esquecimento e de mentirosa bondade. Quantos nasceram do estupro, do não desejo, do não amor, da guerra, do acaso e mesmo do ódio?²

Escolhi começar com este trecho de Ivone Gebara porque acredito ser quase impossível lê-lo e não parar, ao menos por alguns instantes, para refletir. De uma forma quase poética – mórbida, mas poética – ela retrata a realidade de milhares de brasileiras. E continuo com duas perguntas que sabiamente Gebara faz: “O que temos nós mulheres que atrai tanta violência? O que existe em nós que provoque a vontade de violar, de agredir, de sacrificar, de eliminar?”³ Será possível responder estes questionamentos tão instigantes? Uma potencial explicação está na religião, com seus mitos, símbolos, construções patriarcais etc. Seguiremos por este caminho.

A religião, primeiramente, está popularmente associada com a paz, com o bem comum da humanidade, com o amor, com a proteção daqueles e daquelas menos favorecidas, o que “dificulta a percepção do potencial de violência que subjaz em seu discurso e em sua prática, sobretudo em relação às mulheres.”⁴ Os tabus religiosos, muitas vezes, colaboram para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento. A falta de preparo teológico para lidar com situações de violência doméstica contra as mulheres também pode contribuir e alimentar os mitos religiosos que compactuam com esta realidade. Um dos maiores mitos da Igreja Cristã é o lar como local seguro e sagrado, devendo ser mantido acima de tudo. As famílias com experiências religiosas também podem ser afetadas pela problemática da violência doméstica:

Igreja e Violência contra as Mulheres: uma história dolorosa

Muitas mulheres buscam compreender a relação de violência que sofrem através da religião. Querem entender o porquê de seu sofrimento e de sua permanência na relação violenta. Buscam na religião respostas para a transformação do companheiro, que antes

² GEBARA, Ivone. Quando as mulheres atraem violência. In: GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do campo: Nhanduti, 2010. p. 173.

³ GEBARA, 2010. p. 171-172.

⁴ CITELI, Maria Teresa; NUNES, Maria José F. Rosado. *Violência simbólica: a outra face das religiões*. Cadernos Católicas Pelo Direito de Decidir. Vol./No. 14. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2010. p. 5.

jurou amá-la e respeitá-la, mas que agora a agride violenta e sistematicamente.⁵ Essa busca de compreensão pode se dar, frequentemente, através da oração, do diálogo com Deus. Muitas vezes, essa busca – ou até mesmo algum aconselhamento religioso – as direcionam para a história da crucificação de Jesus. Cria-se uma espécie de conformação com a situação de violência através do sofrimento de Jesus, pois este é o maior sofrimento existente. Esta afirmação teológica diminui qualquer sofrimento humano:

[...] no centro da tradição cristã, está o filho de Deus, sofrendo e morrendo na cruz [...] Quando esta interpretação teológica e pastoral do sofrimento é combinada com Gênesis 3.16, onde Deus aumenta extremamente a dor de Eva no parto, devido ao seu pecado cometido, uma mensagem dupla, duradoura e complicada é enviada para as mulheres. Primeiro, é bom e é o desejo de Deus sofrer, e, segundo, o sofrimento é a consequência inevitável do pecado pessoal. As mulheres cristãs são chamadas a sofrer tanto quanto Jesus sofreu; como filhas de Eva, as mulheres são eternamente punidas com sofrimento.⁶

Os valores religiosos atuam com grande força no plano simbólico e subjetivo. “A inferiorização das mulheres veiculada por discursos religiosos é uma forma de violência simbólica, implementada através de representações sociais.”⁷ Um exemplo que está configurado e sustentado nos valores religiosos é o modelo tradicional da configuração familiar patriarcal, com relações heterossexuais, chefias masculinas e submissão dos filhos e filhas e da mulher ao pai e marido.⁸ As mulheres estão submetidas a uma violência simbólica tão incrustada na sociedade, que muitas vezes nem percebem o que acontece. Essa violência é tão sutil que pode estar disfarçada com o nome de *liberdade feminina*, mas na verdade, não passa de escravidão. Ou seja, quando as mulheres buscam o mercado de trabalho, ainda é comum que o serviço doméstico e o cuidado com as crianças, pessoas idosas e demais dependentes, quando o caso, não sejam compartilhados com seus companheiros, o que faz, conseqüentemente, com que elas tenham jornadas duplas, triplas de trabalho. Essa violência simbólica, em alguns casos, pode se transformar em violência doméstica. Quando estas mulheres não conseguem cumprir com perfeição todas as suas *obrigações* em função do

⁵ LEMOS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. *A Casa, as Mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 19.

⁶ TATMAN, Lucy *apud* BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 220.

⁷ TOMITA, Luiza Etsuko. *Corpo e Cotidiano: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2004. p. 175.

⁸ CITELI; NUNES, 2010. p. 6.

trabalho fora do lar, são punidas com violência psicológica e física: “O fato de a mulher haver saído para o mundo público do trabalho é a cena do fruto proibido que ela come. Diariamente ela desobedece, e segue os conselhos da serpente. A sutileza do discurso dirá que ela não ficará sem o castigo.”⁹

Quando a religião ensina que as mulheres devem ser obedientes, passivas e submissas, acaba contribuindo com a produção e reprodução das diversas formas de violências que as acometem. Os discursos religiosos, os textos sagrados e suas interpretações, as práticas de exclusão e discriminação sexista da Igreja em relação às mulheres colaboram para a manutenção desta violência.¹⁰

A história de violência contra as mulheres dentro da Igreja, como na caça às bruxas, nas discriminações biológicas, nas omissões em relações conjugais violentas, contribuíram para que sociedade e cultura discriminassem as mulheres. “A Igreja é um lugar de formação e influência sobre indivíduos que passam a agir socialmente.”¹¹

A caça às bruxas foi uma das formas mais cruéis de violência contra as mulheres, e o que é mais agravante, foi perpetrada pela própria Igreja. Segundo Karen Bergesch, a tortura era considerada o meio mais eficaz para conseguir a confissão. Os torturadores procuravam por qualquer sinal de *anormalidade*, o que seria um sinal claro de pacto com o demônio. Por isso, as vítimas eram despidas e depiladas. Se a mulher não confessasse ser bruxa, isso também era considerado uma importante prova de bruxaria, pois “sua suposta inferioridade biológica não permitiria resistência, a menos que recebesse auxílio do mal.”¹² Em 1694, os responsáveis religiosos pelas perseguições, agressões e execuções de milhares de mulheres consideradas bruxas, elaboraram um documento baseado em uma leitura manipulada da Bíblia para justificar tais atos. Entre outras coisas, constava no documento: a) toda maldade é pouca comparada com a da mulher; b) quando (as mulheres) usam bem suas qualidades, são boas, porém quando usam mal são o próprio demônio; c) uma mulher é perversa por

⁹ ROESE, Anete. A subjetividade do discurso patriarcal sobre o lugar da mulher e da natureza: uma leitura ecofeminista. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. *Consciência Planetária e Religião: desafios para o século XXI*. Coleção Estudos da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 2009. p. 182.

¹⁰ STRÖHER, Marga J. O que espero da religião? Palavras que me tragam para a vida! Mulheres tomam a palavra sobre religião e o discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009. p. 101.

¹¹ BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 114.

¹² BERGESCH, 2006. p. 112.

sua natureza e é fácil para ela renunciar sua fé, o que é a raiz da bruxaria; d) deve-se dizer que houve um defeito quando se fez a primeira mulher, já que foi feita de uma costela dobrada, ou seja, a do peito, que está feita ao contrário da costela do homem e, deste então, por este defeito, é um animal imperfeito.¹³

Mea culpa: responsabilidade e mudança de postura

As Igrejas compactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura do silêncio e da omissão, recusando-se a denunciar os atos de violência e seus autores, além das estruturas institucionais e sociais injustas que perpetuam essa prática. “Ignorar as mulheres, não levá-las em conta, não referir-se a elas é uma forma de menosprezá-las e negar-lhes o lugar que lhes corresponde na sociedade e nas Igrejas.”¹⁴ Ao comportarem-se frente a violência contra as mulheres como algo natural e banalizado socialmente, as Igrejas acabam legitimando sua prática no íntimo familiar, reforçando assim a visão de mundo patriarcal na qual o homem pode e deve exercer seu poder e autoridade sobre a mulher e sobre os filhos e filhas.¹⁵

As mulheres foram afirmadas como naturalmente inferiores aos homens por vários teólogos cristãos que, influenciados pela filosofia clássica, argumentavam a partir de bases teológicas uma suposta superioridade masculina, legitimando assim, a dominação sobre as mulheres. Agostinho, por exemplo, em *De Trinitate*, afirmava que a mulher estaria privada de ser a imagem de Deus simplesmente pelo fato de ser mulher. Tomás de Aquino, na *Summa Teologica*, defendia que as mulheres possuíam uma natureza inferior e que, por isso, deveriam sujeitar-se aos homens. Para Lutero, a autoridade do marido representava uma autoridade sagrada, tendo as mulheres que se submeterem sem questionamentos. Calvino, por sua vez, afirmava que as mulheres deveriam permanecer no casamento mesmo havendo violência física, pois o marido possui autoridade sobre a esposa.¹⁶ Até hoje, os argumentos que a Igreja Católica usa para negar às mulheres o direito à ordenação dizem respeito à natureza supostamente inferior das mulheres em relação aos homens e também baseiam-se

¹³ CALABRESE, Cora Ferro et al. *Mujer, Sexualidad y Religión: Hasta Cuándo..., Señor? Equador: CLAI, 1998. p. 51.*

¹⁴ CALABRESE et al, 1998. p. 38.

¹⁵ CAVALCANTE, Arthur; SOARES, Ilcéia A.; *Violência de gênero contra mulheres e meninas: desafio e compromisso das igrejas.* In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres.* São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009. p. 54.

¹⁶ LEMOS; SOUZA, 2009. p. 53-57.

em Efésios 5.23 – o homem é a cabeça da esposa/casa, assim como Cristo é a cabeça da Igreja.¹⁷

O conjunto das representações sociais que se constituíram no decorrer da história sobre a subordinação e a inferioridade das mulheres, marca a sua autopercepção e a percepção dos outros sobre elas. São essas representações sociais que trazem significados que têm provocado nas mulheres a permissão resignada da violência, e o discurso religioso tem participação no processo de produção e reprodução dessas representações.¹⁸

A Igreja geralmente passa a ser o refúgio, o local onde a mulher que sofre violência busca auxílio e acolhida. Isso se deve, primeiramente, ao fato de que este é um espaço permitido a ela pelo homem que a agride. Outro fator relevante é que este espaço religioso e seus/suas líderes são considerados/as sagrados/as, livres de sentimentos profanos. No entanto, não podemos esquecer que as instituições religiosas e seus/suas representantes estão inseridos/as no sistema patriarcal, e suas políticas, ideologias e atitudes contribuem, na maioria das vezes, para a manutenção desta organização social. Um exemplo que deixa isto claro é que os pecados dos homens são sempre diminuídos e até mesmo justificados, enquanto as mulheres são a causa deste pecado. Quando uma mulher é estuprada, é muito comum presenciarmos atitudes que a coloca no papel de culpada pelo estupro. Se o estuprador cometeu este ato foi porque a mulher se insinuou, provocou, permitiu e pediu para ser violentada. Esta culpabilização da mulher também está presente dentro das instituições religiosas:

[...] a reprodução é um dom divino, e a sexualidade constitui um meio para alcançar o fim divino da reprodução. Esta concepção religiosa justifica a desapropriação do corpo das mulheres e abre espaço para a violência contra elas quando querem exercer seus direitos de autonomia e liberdade [...] Existe uma visão tradicional que torna as mulheres e seus corpos culpados da violência que sofrem, embora, na verdade, a violência se encontre enraizada na sociedade, que se pauta por um sistema por si mesmo violento na medida em que a engendra, mas que atribui ao corpo da mulher a violência que ela própria, a sociedade, produz, e na qual aparecem, como importante componente, as instituições religiosas.¹⁹

Assim, quando uma mulher busca auxílio na religião, sente seu sofrimento diminuído, banalizado e naturalizado, passando a entender que o sofrer faz parte do ser mulher: “As religiões patriarcais tendem a legitimar a subserviência das mulheres

¹⁷ BERGESCH, 2006. p. 116.

¹⁸ LEMOS; SOUZA, 2009. p. 59.

¹⁹ OROZCO, Yury Puello. Violência, religião e direitos humanos. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009. p. 138.

associando-as ao mal, ao desviante, à desordem e à fraqueza moral, deixando-as à mercê de punições apregoadas como *naturais*".²⁰

A teologia tradicional, apesar de considerar abranger o ser humano como um todo, deixa as mulheres à margem, pois não trata, pelo menos não o suficiente, de questões fundamentais que atravessam suas vidas, tais como a violência doméstica e sexual. "A mulher é desrespeitada, pois a teologia tradicional não considera o sofrimento feminino em sua reflexão. Pelo contrário, a mulher recebe a culpa sobre si por ter introduzido o pecado no mundo."²¹ Para esta teologia, há apenas duas opções para as mulheres: ser Eva, a pecadora, ou ser Maria, a santa.

Considerações Finais

A vida e a posição social das mulheres hoje não é a mesma que em dez anos atrás e, muito menos, que em séculos. No entanto, o discurso religioso nunca acompanhou esta mudança dos paradigmas femininos. "Há uma mistificação religiosa e cultural da mulher, do feminino, um culto ao materno, ao feminino virginal, sagrado, divinizado."²² Em relação à família, o discurso religioso defende que esta é sagrada, intocável e, conseqüentemente, não é possível questionar estrutura, hierarquia e até mesmo relações violentas. Assim cria-se a cultura de *não meter a colher*. A violência torna-se estrutural e institucionalizada, sendo sustentada por uma moral conservadora.²³

A realidade em relação a muitas mulheres na sociedade e a forma como a família se organiza mudaram. As mulheres hoje, em um número crescente, trabalham fora de casa, são profissionais qualificadas e competentes, moram sozinhas e, muitas, sustentam suas próprias famílias. O discurso da Igreja hoje não está adequado para a realidade cotidiana destas mulheres, sejam elas independentes ou estejam elas em um relacionamento abusivo [...] O tema da violência contra a mulher pode ser tratado em prédicas ou como tema nos vários grupos da comunidade.²⁴

Muitas vezes, as mulheres que sofrem violência pedem à Deus para livrá-las deste calvário, porque crêem em seu poder. No entanto, não acreditam em si próprias. Buscam na religião apoio não apenas para o casamento, mas para a separação também, quando o ciclo da violência torna-se insuportável. "Uma legitimação religiosa para a não permanência em

²⁰ CITELI; NUNES, 2010. p. 6.

²¹ BERGESCH, 2006. p. 119.

²² ROESE, 2009. p. 189.

²³ ROESE, 2009. p. 190-191.

²⁴ BERGESCH, 2006. p. 128.

situações de violência.”²⁵ Deus nos dá a possibilidade de alcançar os meios para superar a violência. “Temos o poder interior para vencer toda enfermidade (conforme Romanos 5. 10-17).”²⁶ À essas mulheres, apenas falta o reconhecimento de que têm capacidade para tal. Deus nos cuida com amor e nos estimula a fazer uso deste poder interior, nos abrindo portas para entendermos quem somos e o quanto somos importantes no mundo: “Posso enfrentar qualquer coisa com a força que Cristo me dá.”²⁷ No entanto, é fundamental entender que crer somente em Deus não é o suficiente. É preciso confiar que Deus também crê em nós. As mulheres que passam por situações de violência, geralmente, têm uma autoestima tão prejudicada que demoram a perceber sua própria força. Aos poucos, podem recuperar a dignidade humana que lhes foi roubada, descobrindo-se como mulheres criadas por Deus para a felicidade, a solidariedade e a vida plena. E então, estarão livres para cultivarem, antes de mais nada, o amor próprio. “A mulher que se ama anda sempre com a cabeça erguida, o olhar seguro, e a cada dia cresce sua confiança em si mesma e em seu poder como filha de Deus.”²⁸

Referências

- BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- CALABRESE, Cora Ferro et al. *Mujer, Sexualidad y Religión: Hasta Cuándo..., Señor?* Equador: CLAI, 1998.
- CAVALCANTE, Arthur; SOARES, Ilcéia A.; Violência de gênero contra mulheres e meninas: desafio e compromisso das igrejas. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.
- CITELI, Maria Teresa; NUNES, Maria José F. Rosado. *Violência simbólica: a outra face das religiões*. Cadernos Católicas Pelo Direito de Decidir. Vol./No. 14. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2010.
- FILIPENSES 4. 13. In: *A Bíblia Sagrada*. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

²⁵ LEMOS; SOUZA, 2009. p. 19.

²⁶ CALABRESE et al, 1998. p. 190.

²⁷ FILIPENSES 4. 13. *A Bíblia Sagrada*, 1988. p. 254.

²⁸ CALABRESE et al, 1998. p. 193.

GEBARA, Ivone. Quando as mulheres atraem violência. In: GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do campo: Nhanduti, 2010.

LEMONS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. *A Casa, as Mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

OROZCO, Yury Puello. Violência, religião e direitos humanos. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

ROESE, Anete. A subjetividade do discurso patriarcal sobre o lugar da mulher e da natureza: uma leitura ecofeminista. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. *Consciência Planetária e Religião: desafios para o século XXI*. Coleção Estudos da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 2009.

STRÖHER, Marga J. O que espero da religião? Palavras que me tragam para a vida! Mulheres tomam a palavra sobre religião e o discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

TATMAN, Lucy *apud* BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

TOMITA, Luiza Etsuko. *Corpo e Cotidiano: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2004.